

A "bola da vez" da sucessão

Ricardo Noblat

Em um dos intervalos, na última quarta-feira, da reunião em Brasília dos governadores do PMDB, o de São Paulo, Orestes Quércia, puxou pelo braço o de Pernambuco, Miguel Arraes, levou-o para um canto da ampla sala da casa do deputado Ulysses Guimarães e falou baixinho, para que os curiosos não o escutassem: "Você é a bola da vez. Vá pensando nisso". Quércia tomou a expressão "bola da vez" do governador Moreira Franco.



Moreira a usou, já mais de uma vez, para se referir aos candidatos naturais à sucessão do presidente José Sarney. "Não sou a bola da vez", assegurou ele, recentemente. Ulysses, Jânio Quadros e Leonel Brizola seriam "a bola da vez", segundo achava Moreira há um mês. Quércia sugeriu a Arraes que, dentro do PMDB, e depois da contundente derrota colhida pelo partido na última eleição, a "bola da vez" poderia vir a ser ele.

Naquele mesmo dia, Arraes ouviu a expressão rolar na boca de Moreira Franco e do governador Newton Cardoso, de Minas Gerais. Cardoso, como Quércia, procurou o governador de Pernambuco e o animou a ser candidato. Moreira Franco quer que Arraes se mexa para viabilizar sua candidatura. Arraes ouviu Quércia e Cardoso em silêncio. Não disse aos dois o que disse, no início do ano, ao senador Virgílio Távora (PDS-CE).

Foi o próprio Távora, que morreu sem ver promulgada a nova Constituição, quem contou a um amigo a história do seu encontro com Arraes. O senador chamava o governador de Pernambuco de *Miguelzinho*. Sem avisá-lo, desembarcou no Recife, foi para um hotel e, de lá, telefonou para Arraes. Combinaram um encontro para o mesmo dia. Conversaram durante muitas horas. Távora estava preocupado com a sorte do mandato de Sarney.

"Posso votar pelos quatro ou pelos cinco anos, *Miguelzinho*", comentou o senador. "Isso não é o mais importante. O importante é saber o que fazer depois". Távora analisou com Arraes a candidatura a

presidente do deputado Ulysses Guimarães. Disse que seria capaz de apoiá-la mas que precisava avaliar a melhor forma de ajudar o deputado. "Se for melhor para ele que o PDS o ataque, poderemos fazer isso", sugeriu.

Arraes disse ao visitante que o senador Mário Covas pleiteava, também, a indicação do partido para candidato a presidente. "Nesse caso, Ulysses é melhor", comentou Távora. Em seguida, o senador perguntou se seu anfitrião não examinaria a possibilidade de vir a ser o candidato do PMDB. O governador de Pernambuco se estendeu em um longo raciocínio para expor suas dificuldades de considerar a hipótese.

Lembrou que seu primeiro mandato como governador do Estado fora interrompido pelo movimento militar de 1964. Retornara do exílio em 1979 e reconquistara um novo mandato. "Que explicações convincentes poderei dar aos pernambucanos para largar um segundo mandato pelo meio e me lançar em uma disputa na convenção do PMDB? Meu gesto não seria entendido", observou Arraes.

Depois, prosseguiu ele, "com qual discurso irei à convenção para disputar contra Ulysses? Ulysses tem seus defeitos e cometeu muitos erros, mas o que dizer contra ele? O que dizer de forte, de consistente, para se opor à reivindicação dele de ser candidato?" Arraes conserva, desde então, a mesma posição que expôs ao senador Távora. Acha, apenas, que o PMDB irá à sucessão com Ulysses mas que Ulysses não vencerá.

É inadmissível que o PMDB, o maior partido do país, que reúne 20 governadores, vá buscar em outra legenda seu candidato a presidente. O governador Alvaro Dias, por exemplo, aprecia o nome do senador Mário Covas, do PSDB. Mas Covas não pretende retornar aos quadros do PMDB. O governador do Rio de Janeiro estimula Arraes a sair candidato mas pensa que Ulysses ainda poderá dar a volta por cima.

Ao mesmo tempo que pensa isso, pensa, também, que Ulysses será derrotado e que o atual quadro político e econômico do país beneficia, largamente, a candidatura do ex-governador Leonel Brizola. Moreira pode estar mais próximo de Brizola do que supõem os que o imaginam condenado a fazer uma oposição cerrada ao líder do PDT.